

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

**A INFLUÊNCIA DA INTERATIVIDADE NA CRÍTICA MUSICAL  
DA FOLHA.COM**

DANIELA MINGRONE VARANDA

São Paulo – SP

2015

"Parte do prazer da cultura pop é falar sobre ela."

(Simon Firth)

**DANIELA MINGRONE VARANDA**

**A INFLUÊNCIA DA INTERATIVIDADE NA CRÍTICA MUSICAL  
DA FOLHA.COM**

Trabalho final, apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Vanda Maria Elias, como parte das exigências para a obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

**São Paulo – SP**

**2015**

# **Sumário**

## **Resumo**

### **1. O corpus**

- 1.1 A crítica musical
- 1.2 Críticos analisados
- 1.3 O que é texto
- 1.4 A textualidade

### **2. Texto e jornalismo na internet**

- 2.1 O que é interatividade
- 2.2 Gosto pessoal X interpretação
- 2.3 As mudanças no jornalismo
- 2.4 O anonimato

### **3. A análise**

- 3.1 Constatação de influência da interatividade a partir de mudança de opinião ou correção do texto
- 3.2 Constatação de influência da interatividade a partir de discussão na área de comentários
- 3.3 Constatação de influência da interatividade a partir de relatos do crítico em seu texto

### **4. Conclusão**

### **5. Referências bibliográficas**

## **Resumo**

Esta monografia tem o objetivo de analisar a construção dos textos de crítica musical de três jornalistas da Folha.com, antiga Folha Online, a partir da influência da interatividade sobre essas produções, ou seja, da participação do leitor como influenciador do conteúdo transmitido por esses críticos. Para cumprir tal objetivo, o trabalho visa a buscar um breve entendimento das transformações sofridas pela mídia com a chegada da internet, as variações na produção jornalística a partir dessa época, as adaptações de texto necessárias considerando um novo perfil de leitor e a análise de três textos críticos, produzidos por três autores diferentes, todos jornalistas ou ex-jornalistas da Folha.com. A análise parte do entendimento das características do texto e da crítica musical em si e procura inserir o gênero tanto dentro de uma categoria cultural do jornalismo quanto nas novas dimensões e possibilidades geradas pela *web*, além de considerar a variedade de públicos e de modos de leitura por ela proporcionadas. Os objetivos específicos são: identificar e analisar os tipos de interação possíveis entre crítico e internauta. Os resultados obtidos constataam: a influência do leitor no trabalho do crítico musical e a existência de mais de um tipo de formato de interação entre jornalismo e público.

Palavras-chave: crítica musical, jornalismo, interatividade

## **Abstract**

This paper aims to analyze the construction of music reviews of three journalists of Folha.com, former Folha Online, from the influence of interactivity on these productions concerning the reader's participation as influencing the content created by these critics. In order to fulfill this objective, the study aims to get a brief understanding of the transformations undergone by the media with the internet and the variations of journalistic productions from that time, which demand textual adaptations considering the characteristics of the new reader, and the analysis of three reviews produced by three different authors, all journalists or former journalists from Folha.com. The analysis begins with the understanding of the text and reviews characteristics, and tries to insert the genre both within a cultural journalism category and the new dimensions and possibilities generated by the web, besides considering its variety of audiences and reading modes it offers. The specific objectives are: to identify and analyze the types of possible interaction between journalist and Internet user. The results prove: the influence of the reader in the work of music critics and the existence of more than one type of interaction between journalists and readers.

**Keywords:** music review, journalism, interactivity

## 1. O CORPUS

### 1.1 A crítica musical

Compreender a influência que o leitor exerce sobre a obra do crítico significa, antes de mais nada, o nosso objeto de estudo principal: a crítica musical.

Trata-se de um produto jornalístico que se propõe a analisar uma obra de forma a apontar seus pontos positivos, negativos, suas coerências e inconsistências a partir de um determinado contexto. Não deve ser um texto meramente descritivo, mas opinativo, o que o distingue e o torna passível da ira ou do carinho do leitor. No caso da crítica musical, o resenhista tem o objetivo de avaliar uma peça musical, ou seja, uma canção, um álbum, uma apresentação ou um livro sobre o tema.

Em “Crítica musical no jornal: uma reflexão sobre a cultura brasileira”, artigo de Liliana Harb Bollos, encontramos a seguinte definição do crítico de música Arthur Nestrovski:

A crítica expressa, sem dúvida, alguma coisa de gosto pessoal, tanto quanto guarda (ou deveria guardar) algo de objetivo e informativo também. Mas ela é mais do que opinião e reportagem e mais do que a soma dos dois. O crítico não está só defendendo uma escolha; o que interessa é a natureza dessa escolha (NESTROVSKI, 2000, p. 10).

Há particularidades sobre críticos musicais que vão muito além do formato proposto para um texto opinativo. Críticos de música, historicamente, são profissionais bastante envolvidos com sua profissão, o que faz com que o leitor se depare com avaliações apaixonadas de seu objeto de estudo. Um dos mais reconhecidos jornalistas musicais de todos os tempos, o inglês Tony Parsons, da revista NME, é um exemplo dessa prática. Em “Disparos do front da cultura pop”, livro de sua autoria, Parsons relata envolvimento com músicos que ultrapassam os limites profissionais, como longas conversas com a banda britânica Clash, troca de experiências pessoais sobre drogas com o músico David Bowie ou

polêmicas como a afirmação ao cantor George Michael, em uma entrevista em agosto de 1985: “Tinham me dito que você era um cretino arrogante, George”.

No Brasil, o primeiro crítico musical reconhecido foi Mário de Andrade, que escreveu resenhas sobre apresentações em São Paulo para jornais e revistas da década de 50. Murilo Mendes, também escritor modernista e poeta, colaborava regularmente a jornais escrevendo sobre música erudita. O grande incentivo para que se iniciasse uma forte produção desse gênero foi o surgimento da Bossa Nova, justamente nos anos 50 (BOLLOS, 2014).

No exterior, o início da cobertura jornalística musical se deu nos Estados Unidos, no começo do século XX, com as reportagens sobre jazz. Mas foi o surgimento da revista *Melody Maker*, em 1926, na Inglaterra, que deu ao estilo de texto *status* de respeito dentro do jornalismo. Referência na geração de grandes críticos, com figuras que, assim como Tony Parsons, se relacionavam diretamente com os músicos, destacava-se como um veículo marcado pela liberdade de expressão e coragem crítica. Já da revista *Rolling Stone*, outra publicação de música – esta americana, ainda no mercado –, saiu Lester Bangs, morto em 1982, outro ícone do jornalismo musical, que acabou inclusive sendo revivido no filme “Quase famosos” (2000), de Cameron Crowe.

Na década de 80, o Brasil também deu origem a grandes críticos musicais, como André Forastieri e Ana Maria Bahiana. Já no final da década de 90, a internet tornou possível que cada leitor pudesse também se tornar um crítico, e abriu espaço para veículos independentes, como o site de cultura pop *Scream & Yell*. Juntamente com esse movimento, alguns impressos, como as revistas nacionais *Bizz* e *Zero*, foram perdendo espaço e, conseqüentemente, acabaram sendo desativados. O elemento interatividade, com resposta imediata – como permite a internet – tornava-se, então, um fator de atração do leitor.

## 1.2 Críticos analisados

### **Álvaro Pereira Júnior**

É formado em Química e Jornalismo pela USP, com especialização em Jornalismo Científico pelo MIT – Instituto de Tecnologia de Massachusetts, nos Estados Unidos. Assinou por quase 20 anos a coluna “Escuta aqui”, do caderno Folhateen, da Folha de S.Paulo. Apresentou o programa Garagem, na extinta rádio Brasil 2000, na capital paulista, e no UOL. Foi repórter de ciência da Folha de S.Paulo e editor-chefe do Notícias Populares. Atualmente, escreve quinzenalmente na contracapa do caderno Ilustrada (Folha de S.Paulo) sobre música, literatura e cinema e atua como editor-chefe e repórter especial do programa Fantástico, da TV Globo.

### **André Barcinski**

André Barcinski atualmente possui um blog sobre entretenimento no portal R7, pertencente à Rede Record. Foi crítico da Folha e ainda escreve esporadicamente para o veículo. Venceu o prêmio do Júri do Festival de Sundance em 2001 pelo documentário “Maldito”, é autor de “Barulho”, ganhador do prêmio Jabuti em 1992, e “Maldito – a vida e o cinema de José Mojica Marins” (2001). Foi coapresentador do programa de rádio Garagem, na extinta rádio paulistana Brasil 2000, por quase 20 anos, junto a Álvaro Pereira Júnior. É também diretor e produtor dos programas O Estranho Mundo de Zé do Caixão e Nasi Noite Adentro, no Canal Brasil.

### **Lúcio Ribeiro**

Editor do site de cultura pop Popload, é sócio e idealizador do *pocket-festival* Popload Gig, DJ e escreve para o caderno Ilustrada, da Folha de S.Paulo, além de ser colunista de esporte no mesmo jornal. Edita o espaço Popload, no UOL. Comandou a coluna “Pensata”,

na Folha Online, de 2004 a 2006, um dos principais espaços para se falar sobre música na internet nos anos 2000.

### 1.3 O que é texto

O conceito de “texto” é paradoxal entre os teóricos. “A minha hipótese é que, nesse dilema, a pesquisa se deixa influenciar, mais ou menos irrefletidamente, por interpretações prototípicas da noção de *texto*” (SANDIG, Barbara. Text als prototypisches Konzept. In: WIESER, Hans Peter; KOCH, Ingedore G. Villaça (orgs.). **Linguística textual: perspectivas alemãs**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009). De acordo com Beaugrande & Dressler (1981, p. 3), estamos diante de um texto (...) se ele cumprir sete critérios definitórios:

1. coesão

Relações que, na superfície do texto, se estabelecem entre os elementos textuais.

2. coerência

Relações referenciais e semânticas entre os elementos centrais dos elementos textuais que ajudam a construir o seu tema.

3. intencionalidade (função do texto)

Sua função comunicativa reconhecível.

4. situacionalidade

O vínculo com a situação, com o contexto de leitura.

5. tema

Dominado pela função textual – que o mantém unido no seu âmago –, é construído pelo trabalho hermenêutico do receptor.

#### 6. conexão das características

Elo entre as características mencionadas anteriormente.

#### 7. outras características

Traços específicos de cada texto, como informatividade ou questões *nonsense*.

### 1.4 A textualidade

Se o texto é um fenômeno comunicativo, precisamos entender o conceito de textualidade para seguirmos com a análise a respeito da crítica musical. “*Textualidade*, em uma primeira leitura, é a qualidade de coerência ou de conectividade que caracteriza o texto” (HANKS, William F. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008).

Ainda de acordo com o autor, texto e textualidade são parte de uma família de conceitos livremente interconectados, como o “metatexto” – referência a outros textos – e o “pré-texto” – aquilo que vem antes e dá origem à produção. No entanto, não podemos deixar de considerar que, apesar de textos diferentes, com formatos diferentes (um poema e uma matéria jornalística, por exemplo), terem características similares, é preciso entender essas produções dentro de seu contexto e envolvendo pormenores espalhados ao longo da produção e de acordo com o seu público-alvo.

Dentro da análise de textualidade, e como muito nos interessa neste trabalho, William Hanks destaca o “*status* do texto”, ou seja, a forma como alguém situa o objeto textual. Para a antropologia, segundo ele, “a dimensão do poder no e do texto é de primordial importância, já que ela liga a formação textual com as relações sociais e um sistema cultural mais abrangente” – da perspectiva da teoria dos atos de fala ao poder do texto de naturalizar um determinado modo de perceber o mundo, além de seu próprio contexto, como o ambiente médico ou escolar. Assim, finalizando o raciocínio do autor, “a textualidade não pode ser tratada meramente como uma propriedade de um conjunto

limitado de objetos simbólicos, mas, ao invés disso, deve ser vista como um instrumento, um produto, e um modo de ação social”, de acordo com a visão antropológica.

## 2. TEXTO E JORNALISMO NA INTERNET

Embora esta pesquisa não se proponha a entender a fundo todas as adaptações pelas quais passou o jornalismo para se adequar ao modelo que hoje conhecemos na *web*, faz-se necessário destacar o impacto que sofreu a fim de se encaixar nos novos moldes propostos pela internet, adaptando-se a um novo tipo de leitor, um novo público, agora muito menos definido para o jornalista. “Quando eu possuía um espaço no jornal O Estado de S. Paulo, sabia exatamente quem era o meu leitor – um fã de rock entre 20 e 30 e poucos anos. Hoje, na *web*, posso atingir um público mais amplo, mas que desconheço, e que pode nem estar tão interessado no meu conteúdo”, comenta, em entrevista concedida à autora deste trabalho, o jornalista na área de música e escritor Ricardo Alexandre.

Para entender a evolução do jornalismo na internet e todas as suas particularidades é preciso voltar no tempo e compreender a história da internet e a criação de seu ambiente gráfico *World Wide Web*, um dos fatores propulsores do desenvolvimento da rede, que chegou a 2010 com mais de 175 milhões de linhas de celulares no Brasil, segundo estudo da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) (FERRARI, 2003, p. 14).

Segundo Pierre Lévy, em seu livro “Cibercultura”, há dois tipos de leitores que navegam na internet: os que buscam uma informação específica e os que por lá transitam interessados vagamente em um assunto, prontos para desviar sua atenção a algum outro tópico. As análises de Alexandre e Levy nos dão um panorama da dificuldade que é, hoje, conhecer o leitor de um portal<sup>1</sup> de notícias como esse que dá a base para esta pesquisa: o

---

<sup>1</sup> O portal é um site que reúne algumas características específicas, como chamadas na página inicial de conteúdos distintos, organização dentro de um código visual atraente, seções e outros serviços, como email gratuito (FERRARI, 2003, p. 29-30).

Folha.com. Ainda de acordo com Levy, a partir do surgimento do hipertexto<sup>2</sup>, o leitor agora tem à sua frente “um texto que se dobra e se desdobra conforme determina a sua vontade”, modificando a sua forma de ler e de se relacionar com a informação.

Para David Crystal, em “Linguística da internet”, esse novo conceito linguístico nos leva a reavaliar questões importantes, como a forma de lidar com o multiculturalismo e multilinguismo. Em especial, a internet trouxe, além de uma nova forma de se enxergar e organizar o conteúdo, novos termos de linguagem. Além disso, ela também permite que textos possam ser atualizados, recriando a relação do leitor e do jornalista ou do escritor com o tempo. Essa mutação constante pode nos levar ao descuido em relação ao ambíguo, pois qualquer texto pode ser modificado ou justificado ao longo do caminho. Essa possibilidade é especialmente importante neste estudo, já que abordamos também as oportunidades de retratação do crítico perante os seus leitores.

## 2.1 O que é interatividade

O termo “interatividade” hoje é bastante comum em muitos âmbitos da vida. A televisão é interativa – participamos de sua programação ao vivo –, o brinquedo pode ser interativo – porque comunica-se com a criança – e até uma geladeira pode ser interativa. Mas essa palavra só se tornou popular mesmo com o surgimento da internet e a abertura de espaços para a participação do leitor em portais e redes sociais. Isso porque foi lá em 1988, no começo do estabelecimento da *web* no Brasil, que todo mundo começou a se preparar para um mundo interativo – ou, pelo menos, para a exigência de que a participação do leitor pudesse ser praticamente simultânea à publicação de um texto. Hoje, mais de 25 anos após a chegada da internet ao país, fica difícil imaginar uma rede fechada à interatividade.

A interatividade parte da noção de “bidirecionalidade” (SILVA, 1998). O conceito vem da *pop art*, caracterizada pela fusão sujeito-objeto, permitindo que o espectador interfira,

---

<sup>2</sup> Termo que indica um texto ao qual são agregados outros conjuntos de informação - como outros textos, imagens ou sons – a partir de links.

modifique e cocrie a obra com o artista (WEBER, 2014). Essa noção não se restringe apenas ao uso da internet, mas se expande para qualquer outro campo que permita esse diálogo entre informante e informado.

Interagir com a informação não é, pois, uma característica exclusiva do usuário de internet. A televisão e o rádio, por exemplo, também são veículos que permitem atitudes interativas – caso dos *reality shows* e de outros programas que envolvam votações e participação de telespectadores ou ouvintes. Dentro de um mundo altamente conectado, poucos são os meios que ainda oferecem informação de forma unilateral, como os livros. Mesmo as revistas e os jornais possuem seus espaços dedicados a cartas dos leitores.

No caso da rede mundial de computadores, há duas particularidades que merecem destaque: a possibilidade de interação em tempo real, ou seja, no imediato momento da publicação de um texto, e a falta de moderação, em determinados casos, que dá ao leitor controle total sobre aquilo que irá comentar, sem regras ou banimentos.

São essas características próprias da relação do leitor com a internet que tornam relevante e nos dão bases suficientes para a análise proposta nesta monografia: a de que a interatividade influencia e modifica a produção dentro do jornalismo musical, mais precisamente no que se refere a resenhas e textos críticos. Aqui, pretende-se observar a presença dessa interação no conteúdo e como, aparentemente, os jornalistas vêm lidando com essa falta de “privacidade” e controle sobre seus textos.

## **2.2 Gosto pessoal X interpretação**

É preciso haver conhecimento para que se interprete uma obra. Do contrário, o gosto pessoal se sobressai (WILSON, 2007). A reflexão do filósofo e musicologista alemão Theodor Adorno, embora procure delimitar as possibilidades da crítica, soa cada vez mais utópica em tempos de novas tecnologias. Este é também um tempo em que há uma

profunda dificuldade de se atribuir a autoria a produtos jornalísticos, já que muitas informações recebidas pelos veículos de comunicação vêm de agências de notícias.

É uma espécie de ressurgimento da função de copidesque, cargo comum nos jornais de antigamente, ocupado por jornalismo com profundo conhecimento de língua portuguesa e domínio dos recursos de redação expositiva. Eles tinham a tarefa de tonar mais claro e elegante o texto dos repórteres antes que chegasse às mãos do editor. Ao trabalhar em cima do texto alheio, o jornalista da internet não deixa de ser um copidesque (FERRARI, 2003).

A reflexão da jornalista Pollyana Ferrari não se limita aos textos de crítica musical, mas expõe as novas relações agora praticadas no jornalismo. O próprio leitor pode ser um copidesque a partir do momento em que possui a possibilidade de copiar um texto da internet e acrescentar a ele as informações que lhe parecerem convenientes – apesar do elemento antiético agregado a essa prática.

Já o crítico musical *online*, por estar imerso agora em um ambiente de relações bilaterais – em que o leitor já não é mais um elemento passivo e mero receptor de informações –, deve lidar não apenas com a influência de seu gosto pessoal, mas a possível influência do gosto de seu público. Quanto mais exposto está o crítico, ou seja, quanto mais ampla a sua rede de leitores, maior a probabilidade de ser atingido por opiniões distintas e, muitas vezes, pouco respeitadas.

### **2.3 As mudanças no jornalismo**

Com o avanço da internet e a popularização de novas mídias, especialmente as digitais, uma série de mudanças foi ocorrendo na prática jornalística. Textos mais curtos, com facilidade de edição, escritos para o gosto do público *online* começaram a surgir. A interação se consagrou, e a qualquer momento o leitor pode emitir a sua opinião sobre o que acaba de ler.

Diante desse contexto, este trabalho debruça-se justamente sobre os textos *online*, mais especificamente os de crítica musical publicados por jornalistas da Folha.com, antiga Folha Online, para constatar a influência da interatividade nesses textos, inserindo-os no contexto das transformações promovidas pela internet ao longo dos anos.

Partindo-se, então, da hipótese de que a interatividade hoje exerce constante influência sobre os textos de crítica musical, a participação do leitor gradualmente criou novos compromissos no jornalista: o de responder a ele, o de agradá-lo e o de atenuar seu próprio senso crítico a favor da boa relação com quem o lê. Essa nova relação vem modificando as características dos textos da crítica musical *online*, especialmente em comparação aos textos produzidos para veículos impressos existentes dez ou mais anos atrás, abrindo, então, espaço para a análise da marcada influência da interatividade no texto do crítico e justificando o foco desta monografia.

#### **2.4 O anonimato**

A abertura à interatividade trouxe também a possibilidade da interação anônima. Não iremos nos aprofundar nas possibilidades e no poder que a anonimidade dá ao leitor participativo, mas não podemos deixar de mencionar essa característica. A possibilidade de ser anônimo no momento da interação com um jornalista dá ao leitor um conforto, uma coragem que poderia não existir caso ele precisasse, necessariamente revelar sua identidade.

Ao mesmo tempo em que ser anônimo pode ampliar a participação do leitor e impulsionar a interatividade, essa característica proporcionada pela internet também deu origem a uma interação que muitas vezes ultrapassa os limites da polidez e que leva muitos jornalistas a intermediar e moderar comentários de leitores, o que, deixa, aqui, uma reflexão: até onde a moderação se trata de um equilíbrio do respeito ao profissional e quando passaria a se tratar de repressão ou censura?

### 3. A ANÁLISE

Se já foi destacado que a interatividade hoje é onipresente no jornalismo *online* e, portanto, tem o poder de exercer impacto sobre essa prática, procuraremos entender o grau desse influência a partir da análise de textos dos três críticos já mencionados – Álvaro Pereira Júnior, André Barcinski e Lúcio Ribeiro – integrantes ou ex-integrantes da equipe Folha.com.

Essa avaliação tem como foco buscar um melhor entendimento da relação do crítico com a opinião de seus leitores e notar os traços dessa influência em suas resenhas. As amostras foram selecionadas a partir do seguinte critério: cada texto deveria ter traços significativos de participação do leitor, de formas distintas, como especificado nos itens que antecedem os textos a seguir.

#### 3.1 Constatação de influência da interatividade a partir de mudança de opinião ou correção do texto

**álvaro pereira júnior**

## Rock e rancor

29/03/2014 © 03h02

Compartilhar | Tweetar | Ouvir o texto | Mais opções

Fim de noite. No restaurante japonês, o clima é de cinema coreano. Mais precisamente do que poderia ser um novo capítulo da trilogia da vingança, de Park Chan-wook.

Nesses filmes, os protagonistas penam por anos de sofrimento e humilhação, até que se libertam e só querem se vingar.

Em "Mr. Vingança", um homem persegue o sequestrador que matou sua filha. Em "Oldboy", um infeliz passa 15 anos encarcerado sem saber por quê. Um dia é solto, e sai atrás do captor. Na história de "Lady Vingança", uma inocente é presa por assassinato. Quando escapa, busca a todo custo se vingar do verdadeiro homicida.

Quase meia-noite de uma quinta-feira paulistana. Ainda nem sei, mas uma longa história de rancor e vingança está prestes a terminar.

*Fim de noite. No restaurante japonês, o clima é de cinema coreano. Mais precisamente do que poderia ser um novo capítulo da trilogia da vingança, de Park Chan-wook.*

*Nesses filmes, os protagonistas penam por anos de sofrimento e humilhação, até que se libertam e só querem se vingar.*

*Em "Mr. Vingança", um homem persegue o sequestrador que matou sua filha. Em "Oldboy", um infeliz*

*passa 15 anos encarcerado sem saber por quê. Um dia é solto, e sai atrás do captor. Na história de "Lady Vingança", uma inocente é presa por assassinato. Quando escapa, busca a todo custo de vingar do verdadeiro homicida.*

*Quase meia-noite de uma quinta-feira paulistana. Ainda nem sei, mas uma longa história de rancor e vingança está prestes a terminar.*

*Chego ao restaurante quase no encerramento. Está cheio ainda. Mas pouco depois muita gente vai embora.*

*No local agora quase vazio, ocupo a extremidade direita do balcão. Uma voz de sotaque forasteiro, do outro lado, faz um pedido: "Mais dois sushis de foie gras, por favor".*

*Sushi de foies gras é um acinte em qualquer circunstância. Mais ainda naquela noite, com ótimos peixes frescos à disposição: carapau, olhete, sardinha.*

*Olho rapidamente à esquerda para descobrir a origem da bizarra encomenda. Erro fatal.*

*Mesmo de longe, o homem do foies gras me identifica: "Álvaro!".*

*Fecho um pouco os olhos para melhorar o foco: "Desculpe, eu não enxergo direito. Você falou comigo?"*

*O homem, alto, meia-idade, certamente um pouco mais novo que eu, vem em minha direção. Somos os últimos clientes.*

*"Álvaro Pereira Júnior?"*

*"Eu mesmo". Levanto, me preparando para o pior.*

*"Sou fulano".*

*Diante de minha expressão vazia, ele completa: "Vocalista da banda tal".*

*Bomba. Um filme começa a passar em minha mente. Banda tal, com certeza já critiquei. Mas o que escrevi?*

*O queixo do cantor treme. Parece uma peça independente do corpo, como em um boneco de ventríloquo.*

*O tom fica entre o nervosismo e o desafio. "Você escreveu coisas terríveis da minha banda. Fez acusações. Isso me feriu muito."*

*Lembrei. Escrevi, há muito tempo, que uma música da banda tal tinha forte semelhança com uma canção inglesa. Ele nunca esqueceu.*

*Só consigo dizer duas frases: "Mas isso faz 20 anos" e "Essa é uma trip sua, cara".*

*"Para você ver. Você nem tem noção do mal que me causou."*

*A história do rock é cheia de arengas entre críticos e artistas. Um dos maiores jornalistas musicais de todos os tempos, o inglês Nick Kent, praticamente se especializou em ser surrado por roqueiros ofendidos. Nos anos 80, no Brasil, Nasi, do Ira!, entrou na Redação da Folha para bater no crítico Pepe Escobar.*

*O cantor prossegue.*

*"Eu precisava desse encontro. Para finalizar essa história. Para que eu não sinta mais o que sinto quando vejo você no 'Fantástico'."*

*Penso na palavra inglesa "closure", que não tem tradução exata e serve perfeitamente aqui: o encerramento de um ciclo, a conclusão de uma história em aberto. Como a família que localiza os restos mortais de um parente desaparecido e, anos depois, faz o enterro; como um ex-casal que se encontra décadas mais tarde para finalmente resolver o que ficou mal parado.*

*A conversa se aproxima do fim. Não sei mais o que dizer. Olho para as mãos do artista. Estão abertas. Ele fala de novo.*

*"É por isso... é por isso que agora, nesse momento em que essa história termina, eu queria... eu queria te... te... te cumprimentar!"*

*Era só um desabafo. "Closure". Cortês, ele estende a mão, que prontamente eu aperto sem dizer nada. Cinco minutos em que o tempo se dilatou — tudo pareceu durar horas.*

*Retorno aos peixes crus, ele se senta de novo no outro canto do balcão, ao lado do empresário, que voltara do banheiro.*

*Trocamos mais algumas palavras gentis. A comida está deliciosa. Mas volto para casa com um gosto azedo na boca.*

*P.S. Na coluna passada, sobre confusões, fiz uma. Escrevi que o tema do filme "A garota de rosa-shocking" é da banda Simple Minds. Errado. É do Psychedelic Furs. Simple Minds fez a canção de "Clube dos cinco", da mesma época, temática parecida e com a mesma atriz, Molly Ringwald. O leitor(a) Kelly Marciano apontou o engano. Agradeço e peço desculpas.*

PEREIRA JÚNIOR, Álvaro. **Rock e rancor**. 09/03/2013.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/alvaropereirajunior/2014/03/1432924-rock-e-rancor.shtml>>. Acesso em: 08 set.2014

---

No texto “Rock e rancor”, de Álvaro Pereira Júnior, conseguimos notar dois traços muito evidentes de interatividade, sendo que o primeiro é o próprio motivo do texto: o encontro do crítico com o criticado e o “acerto de contas” entre os dois. O segundo traço vem ao final da crítica, quando Álvaro – ao contrário do que fez com o músico que lhe abordou no restaurante – pede desculpas aos leitores por um engano cometido em uma outra ocasião. Um equívoco devidamente apontado por um leitor.

O primeiro caso evidencia o alto nível de exposição sofrido pelo crítico. Sua função principal – avaliar – está a todo momento passível de ser observada não só pelo autor da obra criticada, mas por admiradores ou opositores dessas obras. Jornalista que é, Álvaro procura dar um contexto diferente a essa interferência, apresentando uma história como pano de fundo da aproximação do músico a ele.

Após a primeira metade do diálogo entre os dois, Álvaro procura garantir que o leitor compreenda que a situação narrada pode ser corriqueira dentro de sua profissão, o que deve levá-lo a um certo conforto – “OK, o jornalista está seguro”. Isso é demonstrado em: “A história do rock é cheia de arengas entre críticos e artistas. Um dos maiores jornalistas musicais de todos os tempos, o inglês Nick Kent, praticamente se especializou em ser surrado por roqueiros ofendidos. Nos anos 80, no Brasil, Nasi, do Ira!, entrou na Redação da Folha para bater no crítico Pepe Escobar”. Após esse alerta ao leitor, o crítico segue sua narrativa ainda focado no diálogo entre ele e o músico. Não há um desfecho que nos permita conhecer o interativo vocalista – uma atitude intencional de Álvaro, já que se tratava de um caso de “mais de 20 anos” e que hoje tinha, para ele, importância muito menor do que na época em que a crítica sobre sua canção fora feita. Mesmo assim, nos

envolvemos com aquela interação e com os resultados que pode provocar. Pacíficos, felizmente.

Ao final do texto, o jornalista comenta uma observação feita por um leitor – ou leitora –, algo que, no caso do jornalismo impresso, apareceria como um nota de correção em um canto discreto da publicação, sem o nome daquele que apontou o engano. Já no jornalismo *online*, com sua forte abertura à interatividade, o leitor ganha destaque e importância como gerador de conhecimento, recebendo a liberdade de corrigir o formador de opinião e ser agradecido pelo auxílio.

### 3.2. Constatação de influência da interatividade a partir de discussão na área de comentários



**André Barcinski**  
Uma Contraste de Talos

## Daft Punk, Moroder, e a canção pop do ano

POR ANDRÉ BARCINSKI  
01/11/13 às 07:00

Quando você acha que a música pop não tem mais nada de novo a oferecer, vem o Daft Punk e faz algo novo e inesperado.



"Random Access Memories", o último disco do duo francês – e apenas seu quarto lançamento em 20 anos – é um dos melhores discos de 2013. E a faixa "Giorgio by Moroder" é o destaque. Há muito tempo não se ouvia nada tão genial no mundo pop.

A canção é uma homenagem ao italiano Giorgio Moroder, um dos produtores e compositores mais importantes da música eletrônica dançante.

*Quando você acha que a música pop não tem mais nada de novo a oferecer, vem o Daft Punk e faz algo novo e inesperado. "Random access memories", o último disco do duo francês – e apenas seu quarto lançamento em 20 anos – é um dos melhores discos de 2013. E a faixa "Giorgio by Moroder" é o destaque. Há muito tempo não se ouvia nada tão genial no mundo pop.*

*A canção é uma homenagem ao italiano Giorgio Moroder, um dos produtores e compositores mais importantes da música eletrônica dançante.*

*Mas a forma como o Daft Punk homenageia Moroder é inusitada: usando o som de uma entrevista com o artista, o duo fez uma espécie de colagem pop-jornalística, quase um minidocumentário musical que*

*cita várias fases da carreira de Moroder e ilustra suas declarações com música.*

*Quando o italiano fala do início da carreira, tocando em discotecas na Alemanha, ouve-se, ao fundo, sons que remetem ao tipo de música ouvido em discotecas naquela época.*

*Moroder depois conta como teve a ideia de usar o sintetizador Moog em suas músicas. "Eu sabia que precisava de um click, então coloquei um click". O "click" a que ele se refere é o som produzido por um metrônomo, usado para que músicos possam manter o ritmo.*

*Assim que Moroder termina a frase, o Daft Punk coloca, sob a voz do produtor, o som de um click. O efeito é minimalista e fantasmagórico. O silêncio súbito choca o ouvinte e o faz prestar ainda mais atenção às palavras de Moroder.*

*Mais que uma canção pop, "Giorgio by Moroder" é um experimento sônico corajoso. São nove minutos que desafiam as convenções da música pop comercial. A faixa é longa, cheia de mudanças de tempo e de harmonias, com toques de discoteca, ambient, synthpop old school e até jazz. Coisa de gênios.*

*A última frase de Moroder resume tudo:*

*"Uma vez que você liberte sua mente do conceito de harmonia e música 'corretos', você pode fazer o que quiser. Ninguém me disse o que fazer, e não havia concepções prévias sobre o que eu deveria fazer."*

**BARCINSKI, André. Daft Punk, Moroder, e a canção pop do ano. 01/11/2013.**

Disponível em: <<http://andrebarcinski.blogfolha.uol.com.br/2013/11/01/daft-punk-moroder-e-a-cancao-pop-do-ano/#comments>>. Acesso em: 10 set. 2014

*Comentários:*

**1. Alex Kidd comentou em 08/11/13 at 9:21**

discaço. ouvir em bons fones de ouvido ou num receiver legal só melhora a brincadeira.

**2. Arthur Lima comentou em 06/11/13 at 16:57**

Daft Punk é uma das poucas bandas da atualidade que consegue ser extremamente criativa sem tentar ser pseudocult, fazendo músicas sensacionais tanto promainstream quanto pro underground. Esse último disco é ótimo, pra mim é o melhor de 2013, um pouco a frente do recém-lançado “Reflektor” do Arcade Fire.

Aliás, Barça, o que você pensa a respeito do Arcade Fire?

**3. Edu Nascimento comentou em 06/11/13 at 14:12**

“Barça, sem dúvida seu Blog, pra quem curte diversidade, é sensacional. Curto demais... Tenho os 3 discos Cult de Giorgio Moroder. Eu disse disco/vinil. Juntos, Kraftwerk - Yazoo – Bronskibeat – Donna Summer – Eurythimics... O Daft Punk, veio resgatar o que continua sendo imbatível em termos de música!!!”.

**4. Arthur comentou em 05/11/13 at 17:39**

André, excelente review. Sem dúvida é o melhor disco do ano!

**5. Adriano B. Oliveira comentou em 04/11/13 at 23:15**

A única que não engoli foi aquela com a chamada para o teclado de “The Final Countdown” (Contact) – eu adorava a música quando criança, mas enjoei tanto que exclui de todos meus players e quase tenho um troço ao ouvi-la no álbum!

**6. Júnior** comentou em 04/11/13 at 10:28

Houve uma época em que o Giorgio era “o cara” da música eletrônica. Eu tinha um vinil dele chamado e=mc<sup>2</sup>.

**7. Camanju** comentou em 03/11/13 at 22:36

André, já tinha ouvido a música e achado incrível. Ao ouvi-la sempre me soava familiar...fui pesquisar sobre Giorgio Morader e descobri a familiaridade...ele compôs a trilha do filme Expresso da meia noite (Midnight Express) de 1978 e essa música do Daft Punk, na minha visão, consegue criar a mesma atmosfera da música tema do filme. Bela homenagem. Realmente coisa de gênios....

**8. Fábio** comentou em 03/11/13 at 16:25

(OFF-TOPIC) Você já viu esse documentário sobre essa repórter? impressionante!

<http://fatosdesconhecidos.com.br/post/a-reporter-que-cometeu-suicidio-ao-vivo/679>

**Andre Barcinski** comentou em 03/11/13 at 17:31

Não conhecia o caso, que coisa impressionante...

**9. Cesaroliv** comentou em 03/11/13 at 13:27

Barça, não canso de agradecer todos os dias por ter conhecido seu blog. A cada dia enriquecendo meus conhecimentos culturais. A cada dia um escritor desconhecido

se apresenta, um livro maravilhoso novo se revela, um filme que tinha passado batido no zapear incessante da tv a cabo, e, nesse caso, um significado a uma música belíssima que eu pulava quando esse “velho” ficava falando umas coisas que eu não queria prestar atenção...

Obrigado!

- **Cesaroliv** comentou em 03/11/13 at 13:29

aliás, comprei o disco do Daft Punk no lançamento, e concordo que é o melhor do ano, e um dos melhores há tempos...

- **Andre Barcinsk** comentou em 03/11/13 at 17:27

Legal, Cesar, fico feliz que vc goste. Sem confete, mas um blog só presta se tem quem o leia e aprecie.

- **Fábi** comentou em 04/11/13 at 9:56

Desculpe me intrometer, mas concordo com o Cesaroliv. Essa Confraria é duca!!! conheci muita coisa legal por aqui!!!

- **Andre Barcinsk** comentou em 04/11/13 at 10:17

Valeu, Fabio!

- **Fábiocomentou em 04/11/13 at 10:51**

E André, espero ansiosamente um post sobre uma obscura e ótima banda de hard rock irlandesa, o Thin Lizzy, por onde já passou o ÓTIMO guitarrista Gary Moore. A história do Lynott é sensacional. Dizem até que o pai do cara era um marinheiro brasileiro...daria um post legal hein! #ficaadica abraço!

**10. luiz@gmail.comcomentou em 03/11/13 at 3:42**

Puts! como tem pé no saco de plantão, porra! como tem gente que não gosta de nada...

**11. Dumcomentou em 02/11/13 at 14:16**

Achei o disco um pastiche de dance, r&b, etc. Tentaram, mas quem conhece um pouco de black music norte americana sabe que não deu certo. Nem com Niles Rodgers fluiu natural.

- **Andre Barcinskicomentou em 02/11/13 at 14:45**

Ah, saquei. O Daft Punk não conhece black music.

**12. adrianocomentou em 02/11/13 at 0:16**

aqui ele fala sobre o dia de gravação com o daft punk

<http://www.youtube.com/watch?v=LFCsZvqWzuE>

não sei se alguém já compartilhou isso aqui.

**13. Lucianocomentou em 01/11/13 at 21:30**

e o Django Django com a musica Hail Bop.... vide lá Barça..... os caras parecem uma mistura de The Korgis com Alan Parsons...

**14. Pedrocomentou em 01/11/13 at 20:58**

não gostei tanto do disco. as músicas são boas mas acrescentam pouco ao que já haviam gravado tantos anos atrás.

Por outro lado essa música é demais . Melhor do ano fácil...

Jonathan Wilson e Anna Calvi também tem disco novo...

Alguém mais lembrou daquele jogo do SNes "Outrun" ouvindo essa música ?

**15. Geancomentou em 01/11/13 at 18:31**

Viu isso...

<http://vimeo.com/77975939>

**16. Pirilampocomentou em 01/11/13 at 18:19**

Lá vem outra indicação de mais um fabuloso álbum, o melhor de todos os tempos da ultima semana! E lá vou eu escutar de novo e perder tempo de novo e o ciclo recomeça. Eu me odeio por isso, mas minha curiosidade fala mais alto!

- **Andre Barcinskicomentou em 01/11/13 at 19:10**

Agora quem ficou curioso fui eu. Se as dicas são todas tão ruins, por que vc continua seguindo?

- **Pirilampocomentou em 01/11/13 at 19:30**

Não posso afirmar que sua dica é ruim até escutar. No entanto, se levar em conta o retrospecto geral em que 98% dos álbuns indicados pelos críticos não me agradarem, o que acha que posso esperar de mais esse?

- **Andre Barcinskicomentou em 01/11/13 at 19:41**

Então não perca seu tempo, ora. Se 98% das vezes vc se ferra, procure outras fontes de sugestões, não faz sentido?

- **Wagnercomentou em 02/11/13 at 10:10**

Pirilampo, conta aí, quem são os 2% que passaram pelo seu implacável crivo?

- **Johncomentou em 03/11/13 at 0:00**

Cara, você é muito chato, esta se achando. Fui fazer

uma pesquisa uma pesquisa e apareceu uma coluna sua. Deixe de ser arrogante. Tadinho, imagino os amigos.

▪ **Pirilampocomentou em 03/11/13 at 18:25**

Houve pouquíssimas vezes em que eu e a crítica concordamos. Neste blog nunca ocorreu (nada pessoal). Mas desde o início dos anos 80 até aqui esses 2% se convertem em vários discos, citarei alguns que foram aclamados pela crítica e com razão:

Beastie Boys – Licensed to Ill

Björk – Post

Nirvana – Nervermind

Depeche mode – Ultra

R.E.M – Murmur

Nwa – Nigaz4life

Um bom álbum é algo raro e por isso deve ser bem escutado e refletido! E eu continuo leitor desse blog porque gosto de estar bem informado e saber a opinião dos demais.

**17. Julianocomentou em 01/11/13 at 16:36**

Random Access Memories. CD muito bom, violentamente enriquecido pela participação do mago Nile Rodgers. Recomendo fortemente.

**18. Fábio Schaffner** comentou em 01/11/13 at 15:26

E a bateria do Omar Hakim, destruindo tudo? Credo! Sonzeira!!

**19. David Marques Oliveira** comentou em 01/11/13 at 14:38

Tô vendo que esse negócios de genialidade é muito relativo.

**20. Ricardo** comentou em 01/11/13 at 14:37

Pô André, sem querer ser chato cara...mas esse post tá bem atrasado hein?

Legal sua descrição da música. Eu diria que é um rock progressivo disco.

- **Andre Barcinski** comentou em 01/11/13 at 14:54

Não. O ano está acabando, e até agora não ouvi música melhor. Não daria pra escrever isso quando o disco foi lançado, concorda?

- **Ricardo** comentou em 01/11/13 at 17:17

Tá certo. É que eu já até enjoiei do disco, fiquei ouvindo desde que saiu na net, aí tem um tempinho que não tô escutando ele mais.

- **Adriano B. Oliveira** comentou em 05/11/13 at 11:26

Achei curioso este comentário. O ritmo das coisas de hoje parece não

admitir o “ontem”, somente o “hoje” faz sentido, isto até uma hora atrás,

RSRS

Este “discão” do Daft Punk vai se tornar um clássico.

André, e o Groove Armada, Cut Copy, Chromeo e Grimes? O que acha destes? A música eletrônica deu uma guinada interessante com estes artistas.

## **21. Guilherme Bragacomentou em 01/11/13 at 14:02**

Muito legal mesmo. Não sou fã dos caras, mas deu vontade de comprar o CD.

---

Por meio da análise da interação sobre o texto “Daft Punk, Moroder, e a canção pop do ano”, somos não apenas levados a observar as diferentes relações de troca entre jornalista e leitor, mas o nível de polidez ou ofensividade que esse diálogo pode ter, o que é uma variação comum na internet, já que nem todas as áreas reservadas a comentários possuem mediação prévia de postagens.

O texto é um crítica musical clássica: a análise de um disco a partir de uma música tida como central na obra, dentro de uma avaliação que contextualiza aquele álbum em sua época e revela suas bases e influências. No caso do texto de André Barcinski, trata-se de uma crítica bastante positiva ao disco “Random access memories”, da dupla francesa de música eletrônica Daft Punk.

A marca da interatividade, nesse caso, se dá na área de comentários disponibilizada pelo site Folha.com ao leitor. A maioria das intervenções apresentadas elogia o jornalista e sua coluna no periódico. O crítico responde a algumas dessas notas demonstrando gratidão e intimidade com seu público, como em “Legal, Cesar, fico feliz que vc goste. Sem confete, mas um blog só presta se tem quem o leia e aprecie” e “Valeu, Fabio”. Trata-se de uma informalidade própria dos jornalistas culturais, normalmente esperada pelo leitor.

Já o comentário de Pirilampo gera uma discussão acalorada. E o jornalista, em vez de seguir a técnica da aproximação, sugere que ele vá procurar “outras fontes de sugestão”. Apesar de manter a arrogância em seu segundo comentário – após ter alegado que nada do que os críticos lhe sugere é capaz de agradá-lo – Pirilampo suaviza o tom de sua mensagem, afirmando: “Eu continuo leitor desse blog porque gosto de estar bem informado e saber a opinião dos demais”, o que não chega a elogiar nem criticar o conteúdo produzido por André Barcinski.

Por outro lado, a interação com o leitor Ricardo gera a necessidade de uma argumentação de André que provoca a mudança de opinião do interanuta. Vejamos:

**Ricardocomentou em 01/11/13 at 14:37**

Pô André, sem querer ser chato cara...mas esse post tá bem atrasado hein?  
Legal sua descrição da música. Eu diria que é um rock progressivo disco.

**Andre Barcinskicomentou em 01/11/13 at 14:54**

Não. O ano está acabando, e até agora não ouvi música melhor. Não daria pra escrever isso quando o disco foi lançado, concorda?

**Ricardocomentou em 01/11/13 at 17:17**

Tá certo. É que eu já até enjoei do disco, fiquei ouvindo desde que saiu na net, aí tem um tempinho que não tô escutando ele mais.

Nesse caso, podemos observar que a aproximação de Ricardo já garante que a crítica feita ao *timing* do jornalista seja suavizada, pois emenda seu ponto de vista negativo com um eleogio (“Legal sua descrição da música”). Como consequência, recebe uma resposta de discordância, porém elegante do autor, que finaliza seu comentário com uma proposta de nova interação com o leitor, marcada pela pergunta “concorda?”. É ela quem abre o caminho para uma nova intervenção de Ricardo, afirmando ter, enfim, entendido a proposta do crítico.

### 3.3 Constatação de influência da interatividade a partir de relatos do crítico em seu texto



*Primeiro o desabafo, depois a revelação bombástica.*

*Sabia que essa história de escrever coluna ia acabar dando nisso. Estou pensando até em parar de escrever neste espaço depois do que me aconteceu semana passada.*

*A violência bateu à porta do meu computador. Estou sendo ameaçado, achincalhado, perseguido, excomungado, xingado, por causa da...*

*Agora vou ter que andar trancado em casa, sair de guarda-costas, diversificar meus caminhos, mudar meus hábitos por causa da...*

*"Imbecil", "Ignorante", "Idiota", "Otáreo", assim mesmo, com "e", foram os mais leves adjetivos que ganhei depois que o site [www.britneyspears.com.br](http://www.britneyspears.com.br) passou a fazer uma campanha cruel contra este colunista, com fotinho na homepage e tudo.*

*Pronto: já falei. Todo esse terrorismo é por causa dela mesma: Britney Spears. Na verdade, por causa dos fãs brasileiros da dondoca americana.*

*As dezenas de e-mails malcriados chegaram junto à massa de missivas da galera que concorre aos prêmios, dão sugestão, querem conversar comigo, fazer críticas ou até xingar, também.*

*Mas o que diferenciava estes daqueles era que a maioria vinha em letras maiúsculas, de remetentes com Spears no sobrenome e com palavras repetidas na melhor tradução virtual daquelas cartas emendadas e quilométricas que fãs exaltados costumam mandar enroladas para seus ídolos, manja?*

*Mas o mais legal é que:*

*\* eles estão meio... lerdos. O assunto Britney Spears percorreu estas linhas no longínquo janeiro. Por que seus fãs só despertaram agora?*

*\* melhor: em nenhum momento eu falei mal da cantora (quando canta) nem a recriminei pela desbocada louca que ela deu ao falar aquela quantidade incrível de palavrões para uma garota tão bonitinha quanto ela. Até acho ela bem simpática, namoradinha da América e tal. Considero "Baby one more time" um clássico pop, recomendei as versões do Travis e do Fountains of Wayne publicamente na Folha, até. Acho bacana o vídeo de "Stronger".*

*\* parece que os fãs da fofa não sabem ler. Eu meio que defendi a cantora na história dos playbacks. Não vi nada de extraordinário, incomum na prática, para artistas do estilo dela.*

*Abaixo publico alguns dos e-mails que recebi. Ia publicar outros, mas não passaram pelo crivo do departamento de qualidade, bom senso e bons costumes da Folha Online. Argumentei que a divulgação da carta tinha cunho jornalístico, que o Brasil precisava saber e o escambau.*

*Não colou. Só deixaram colocar estes dois aqui:*

*"Despirocado, Lúcio Ribeiro!*

*Vc deveria pensar melhor nas coisa que diz! A Britney não disse que os brasileiros eram retardados (nota do colunista: Nem eu disse que ela disse). A rádio que falou isso (Jovem Pan 2) já voltou atrás e vc deveria se informar mais antes de passar mentiras! E, sobre os palavrões, quem nunca disse um palavrão que atire a primeira pedra! Praticamente todos os artistas do Rock in Rio já disseram um 'fuck' ou filha da P\*\*\*! Isso só mostra que ela é uma pessoa normal!*

*E, finalizando, TRANQUEIRA é você, seu 'jornalista' de quinta categoria!"*

*Cleverson, Curitiba PR*

*"Olha, Lúcio. Aqui quem fala é a Ana.*

*Escuta aqui, seu retardado, m\*\*\* e débil mental, achei ridículo os comentários que vc fez sobre a Britney Spears. Parece que vc queria ser igual a ela, o que é impossível (nota do colunista: concordo!). Porque nunca um ser tão inútil ficaria igual a ela, seu tranqueirinha. Vai a m\*!"*

*Ana Beatriz K, São Paulo, SP*

*Alguém tem o telefone do Fonseca's Gang?*

\*\*\*\*\*

### *BRITNEY SPEARS, A REVELAÇÃO*

*Atenção, fanzocas da menina. Não estou dizendo que é verdade. Só estou fazendo o meu papel de divulgador de notícias.*

*Aconteceu há poucos dias, quando um repórter da "Ilustrada", o Marcelo Valletta, entrevistou Billy Graziadei, vocalista da banda nova-iorquina Biohazard, que toca hoje (quarta) em SP.*

*Comentando sobre o lance dos palavrões da Britney nos bastidores do Rock in Rio, que ganharam o mundo via Napster, Graziadei comentou, também nos bastidores da entrevista:*

*"Tem um amigo meu que é tatuador, e ele trabalha com a Britney e com o 'N Sync. E, você sabe, a Britney namora um cara do 'N Sync, o tal do Justin. Pois esse meu amigo me contou que o Justin estava acompanhando a Britney em um show e que, ao caminhar para a parte de trás do ônibus dela, onde fica o quarto, ele a ouviu gritando 'Harder! HARDER!'. Isso sim seria legal aparecer no Napster."*

*Isso é só um bastidor do rock. Não fui eu quem falou, não estou falando mal de ninguém nem dizendo que isso acima é verdade. Só estou reportando um fato engraçado de coisas que não são publicadas em jornal. Não me crucifique, [www.britneyspears.com.br](http://www.britneyspears.com.br). Sou chegado na Britney.*

\*\*\*\*\*

## AS BANDAS DE 2001 - PARTE 2

*Muita gente chiou por causa da relação das bandas novas que vão fazer nosso 2001 mais feliz. Não pelos grupos em si. Mas é porque "faltou esse" ou "aquele". Claro que eu tinha deixado uma leva de fora. Não cabe tudo em uma coluna só. Então, toma mais.*

*1 - The Strokes: Dou um doce para quem conseguir tirar o EP (eles só tem um EP lançado) do meu toca-CD. É a minha atual banda preferida. Mora em Nova York e foi dica do "correspondente desta coluna em Londres" Thiago Ney, que gritou "É O NOVO NIRVANA" de lá da fria Londres e deu para ouvir daqui. Corre no Napster e baixa "The Modern Age". Vai que o Napster só tem algumas horas de vida, pelo que dizem.*

*2 - My Vitriol: Este é de Londres. Britpop trabalhado, muitas vezes triste. Lembra o pop inglês do começo dos 90. Lançaram o disco de estréia segunda passada, "Fine lines". Vai atrás de "Always: your way", se você quiser um bom exemplo de qual é a do grupo. É simples e direto, coisa que 80% das bandas indie nacionais tentam fazer e não conseguem.*

*3 - Soulwax: Nem é tão novo, mas vale botar nesta saca das novidades. Grupo belga dos irmãos Dewaele. Meio eletrônico, meio rock. Tipo um Beck plugado. Tenta achar "Conversation intercom", a versão remixada pelo Ladytron. O Ladytron, de Liverpool, que está na lista da semana passada.*

*4 - Cosmic Rough Riders: Banda nova da excelente fabriquinha escocesa, de uma molecada que poderia ser filha dos caras do Jota Quest, de tão novinhos. Pop singelo dos melhores, meio sixties, meio Teenage Fanclub, desses que milhões de bandas brasileiras... Dê uma caçada em "Melanie" e veja se vc consegue não gostar de coisas como "Eu peguei um avião para Nova York para ir te ver, mas quando cheguei no JFK (aeroporto) não me deixaram entrar. Então peguei outro avião e voltei. O que eu posso fazer...". A "Uncut" escreveu uma vez que a banda é de Glasgow, mas da janela do quarto deles dava para enxergar a Califórnia. Perfeito.*

*Semana que vem tem mais*

\*\*\*\*\*

### *LUCIÃO NO CARNAVAL DA BAHIA*

*Passando o feriadão em Arraial d'Ajuda, litoral baiano, frequentei umas noitadas lotadas de brasileiros animados e gringos mais ainda em um lugar chamado Point do Parracho. Que promovia o incrível "Luau do Parracho".*

*Tocava de tudo: Rock, Eletrônico, poperô de boy (alguém já ouviu "I'll fly with you", um hino deles que a certas horas entra um vocal parecido com o do A-Ha), muito Axé Pop, como eles chamavam. Mas o bicho pegava na hora que começava... funk carioca.*

*O rock que tocava era sempre o mesmo: tipo "Start me up", dos Stones, para essa gente exemplo máximo da rebeldia roqueira, "Smooth", a baba do Santana que ganhou o Grammy, e por aí vai.*

*Eletrônico era legal. Tocava um drum'n'bass cabuloso até. Até a nova do Daft Punk a galera conhecia. Até o legal Eminem rolou no lugar. Antenados.*

*Quer saber: curti a experiência.*

\*\*\*\*\*

### *LEIA ISTO*

*"Posso afirmar que foi a mesma sensação que minha filha Susi, hoje com 16 anos, sentiu aos 4 ao entrar no Epcot Center pela primeira vez. Vi nos seus olhos o brilho diante de surpresa tão excitante. O tempo passa, e o tempo é tudo nesta vida, que digam os cozinheiros que não podem deixar seus pratos e preparos saírem do ponto sob o risco da mais profunda humilhação. O tempo é tudo e, passados incríveis 23 anos, uma aventura que já lhes descrevo fez-me lembrar como é bom estar diante do inusitado e do que achamos que sabemos, mas não sabemos, ou seja, a novidade".*

*Este é o início de um texto do "colunista" Marcelo Fromer, dos Titãs, que tem um espaço semanal para escrever sobre culinária no Estadão.*

*O texto é sobre mortadela. Não vou falar mais nada.*

\*\*\*\*\*

### *PRENDAM A YOKO ONO*

*Eu não sei o que é pior. A mulher ter destruído uma das três melhores bandas de Liverpool em todos os tempos, os Beatles, ou ter liberado a Globo para usar como tema da nova novela das 6 a chatíssima "Imagine", do Lennon.*

*Se você pensava que a coisa não podia ser pior, "Imagine" é cantada pelo Paulo Ricardo. E a história é sobre uma comunidade bicho-grilo onde vive a pura Sandy, a do Júnior.*

*Já viu o que nos espera por longos seis meses.*

\*\*\*\*\*

### *IMPORTANTE*

*Saiu a chave do Palmeiras no Torneio de Verão da Fifa, que vai acontecer em agosto na Espanha. Verdão, Galatasaray (Turquia), Olímpia (Honduras) e Al Hilal (Arábia).*

*O primeiro jogo será...*

*O quê?*

*O que isso interessa a você?*

\*\*\*\*\*

### *MTV - MÁ NOTÍCIA (PARA A MTV)*

*A MTV vai estreiar mal uma revista, que chega às bancas na próxima terça-feira, 13.*

*A publicação, "bem jovem", vai custar R\$ 5 mangos, e a tiragem inicial será de 120 mil exemplares. "Em dois anos, a meta é vender 300 mil exemplares", diz José Mangini, diretor executivo da revista da MTV, conforme o release distribuído à mídia.*

*Mas tem um problema sério. No número 1, esse da estréia, vai trazer como grande destaque ele. Sim, ele. The one and only. Carlinhos Brown.*

*Será que a MTV não conhece a maldição do Carlinhos Garrafa?*

*Meu palpite. Com Carlinhos Brown na estréia, a revista dificilmente chegará ao número 2.*

\*\*\*\*\*

#### *MTV - BOA NOTÍCIA*

*Nesta próxima sexta a emissora leva ao ar a primeira parte do MTV's 20 Most Outrageous Moments, especial produzido pela MTV norte-americana só com momentos ultrajantes, palavrões, polêmicas, baixarias.*

*Vi quando estive em Nova York e é bem legal. Impagável uma gravação de uma entrevista do velho Kurt Loder com a Madonna, em que a Courtney Love aparece bebaça, atira coisas na Madonna, interrompe tudo, conversa alucinada com a Madonna e termina levando um tombo sensacional.*

*Recomendado.*

\*\*\*\*\*

#### *NOVO RADIOHEAD*

*Atenção, membros da seita Radiohead. Thom Yorke liberou a lista do próximo disco do grupo, "Amnesiac", que sai dia 4 de junho na Inglaterra.*

*Parece que será uma volta à música que dá para entender, pop, com guitarras. Anote e vá procurando no Napster, se este estiver vivo nos próximos dias.*

*- Packt Like Sardines in a Crushed Tin Box*

- *Pyramid Song*
- *Pulk/Pull Revolving Doors*
- *You And Whose Army?*
- *I Might Be Wrong*
- *Knives Out*
- *Morning Bell/Amnesiac*
- *Dollars and Cents*
- *Hunting Bears*
- *Like Spinning Plates*
- *Life in a Glass House*

\*\*\*\*\*

### *PARABÉNS, SONY*

*Finalmente, depois de três anos de seriado, a bela e complicada Joey vai esquecer o panaca do Dawson e, hã, virar mulher. Aí a Sony mostra o episódio, que acaba com a mais tensa cena de seriados dos últimos anos. A continuação do suspense/revelação iria ser nesta segunda. Momentos de angústia. Chega a hora.*

*O canal mete uma reprise no lugar.*

*Boa. Isso aí.*

\*\*\*\*\*

### *A HUMANIDADE VENCE MAIS UMA BATALHA*

*Deu no Globo: Roubaram um violão do Caetano Veloso. Segundo a matéria, no domingo último, dia 4, um violão chileno que o acompanhava há muitos anos foi roubado numa praia de Salvador (BA). O instrumento, considerado de estimação, era o preferido de Caetano.*

\*\*\*\*\*

### GANHADORES DA PROMOÇÃO

*Confira quem faturou CDs na promoção da "banda que todo mundo gosta, mas eu acho muito chata"*

*THIAGO CAVAZZANA*

*que odeia Guns' N Roses e Iron Maiden  
ganhou o CD do Astromato*

*ELIAS F. DO N. NETO*

*odeia Legião Urbana  
ganhou o CD do Yo La Tengo*

*DÉBORA MAIDA*

*odeia Nirvana  
ganhou o CD do Marilyn Manson*

\*\*\*\*\*

### RESULTADO DA PROMOÇÃO "BANDA CLÁSSICA CHATA"

*E as principais bandas que todo mundo gosta, mas você não são as seguintes. Primeiro um aviso: resolvi tirar Pink Floyd, Rush e Dire Straits. Porque, com essas "campeãs", seria covardia com as outras todas existentes no mundo em todos os tempos. O resultado ficou legal e surpreendente*

*1° Iron Maiden - 32 votos*

*2° Doors - 30*

*3° Metallica - 22*

4° Stones - 20

5° Beatles - 17

5° Oasis - 14

6° Nirvana - 7

Agora veja este e-mail:

*"Minha namorada ficou me enchendo para lhe mandar um email da 'promoção da semana', por que ela odeia uma banda que todo mundo gosta. Ela odeia o Nirvana. Acredita?! Palavras dela:*

*'Primeiramente, o Kurt Cobain não sabe cantar, tem uma voz horrível. Ele era um idiota, pois é só ver, ele se matou!...'*

*Ácida ela, né? Ela chama-se Débora Maida, mora no Tatuapé e quer o CD do Marilyn Manson.*

*Quanto a mim, eu adoro Nirvana. E vou meter o pau em uma banda velha. Os Stones. Não, não o Stone Roses, os Rolling Stones mesmo.*

*Dizem que os Stones eram uma banda mais rock'n'roll que os Beatles. E daí? Só dou o Sonics, ou Troggs, para os Stones... Não dá nem para o começo.*

*Abraço,*

*Yane Santiago - Ermelino Matarazzo, SP*

*Queria pedir um favor... Cara dá um recado para minha namorada, por favor: 'Débora, eu te amo, mas por favor, o Nirvana é legal!'"*

*Legal.*

\*\*\*\*\*

*RESULTADO DA PROMOÇÃO "QUAL A BANDA DA QUAL VOCÊ POSSUI MAIS DISCOS?"*

*Desta promo vou colocar os e-mails que mais chamaram a atenção.*

\* O campeão foi um e-mail do senhor Paulo Alfonso Pereira, de Vila Velha, Espírito Santo, que diz possuir 92 produtos (CD, vinil, fitas, VHS...) dos Beatles.

\* Dois e-leitores amam o Placebo. Júlio Vasconcellos tem 19 "coisas" da banda inglesa. Roberto Bleep, 16.

\* O Roberto Stickel, avisa sua mulher, Maria Eugênia, tem 60 discos do grupo Chrome (banda californiana dos anos 70). "Achei que o vencedor da casa ia ser o Frank Zappa, juntando os meus e os dele, mas não chegou nem perto".

\* Muita gente tem mais de 15 produtos de Pavement, Jesus & Mary Chain, Oasis, Smashing Pumpkins, Pearl Jam etc.

\*\*\*\*\*

#### RESULTADO DA PROMOÇÃO "DISCO DE CABECEIRA"

Vou destacar três discos de cabeceira bem votados do montão de bandas diversas que a moçada anda adorando.

"Green", do REM - efeito Rock in Rio?

"1", dos Beatles - é eternidade

"Parachutes", do Coldplay - os caras tão fortes

\*\*\*\*\*

#### PROMOÇÃO DA SEMANA

Esta veio como sugestão de um leitor; o Cristiano Almeida, e é bem legal. É o inverso, praticamente, da promoção da semana passada.

Qual aquela banda que você odiava, não gostava e tal, até que em um belo dia deu um clique e você passou a gostar?

A minha foi o Jane's Addiction, que no começo achei a banda hipponga e odiava. Depois continuei achando hipponga, mas passei a curtir bastante.

*O prêmio é fantástico:*

*Os cinco discos do maravilhoso Galaxie 500, finado grupo de Boston circa 1990 liderado pelo grande Dean Wareham, que hoje carrega a ótima Luna.*

*Tudo isso é um lançamento recente da Trama, que tem a discografia toda, edição especial e um ao vivo.*

*Vai rolar um disco para cada sorteado.*

*Manda bala: [lucio@uol.com.br](mailto:lucio@uol.com.br)*

*Na semana que vem conto uma história legalzinha que aconteceu entre mim e o Galaxie 500, em Londres, 1990.*

\*\*\*\*\*

*Sem querer ser oportunista, mas no calor da comoção geral dedico esta coluna ao governador Mário Covas, que já levou muito voto meu.*

*Até.*

RIBEIRO, Lúcio. **Fãs atacam o colunista**. 07/03/2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult512u4.shtml>>. Acesso em: 12 set.2014

---

Recheada de bom humor e de exemplos de intervenções do leitor, o texto “Fãs atacam o colunista”, de Lúcio Ribeiro, utiliza justamente a interatividade como mote principal para seu desenvolvimento. Um importante detalhe dessa crítica é o fato de ter sido publicada em 2001, quando a internet começava, ainda timidamente, a abrir espaço para a interação em tempo real, e os leitores passavam, por sua vez, a se sentir acolhidos por jornalistas que não só permitiam essa interação como a incentivavam – caso de Lúcio Ribeiro, como veremos a seguir.

Os efeitos percebidos na coluna quanto à participação do leitor e o momento em que foi concebida não são coincidências. Conforme o crítico Ricardo Alexandre mencionou no

início deste estudo, a internet fez com que públicos que não necessariamente fossem o alvo dos jornalistas chegassem até o conteúdo publicado por eles, o que deu margem a grandes conflitos, como no caso dos leitores que ofendem Lúcio por ter criticado a cantora Britney Spears, como exemplificado abaixo:

“Olha, Lúcio. Aqui quem fala é a Ana.

Escuta aqui, seu retardado, m\*\*\* e débil mental, achei ridículo os comentários que vc fez sobre a Britney Spears. Parece que vc queria ser igual a ela, o que é impossível (nota do colunista: concordo!). Porque nunca um ser tão inútil ficaria igual a ela, seu tranqueirinha. Vai a m\*!”

Ana Beatriz K, São Paulo, SP

Trata-se de comentários que certamente provêm de uma leitora que desconhece o campo de conhecimento do jornalista – o rock – e não está habituada a suas ironias e seu senso de humor. Por outro lado, na mesma coluna, Lúcio dá voz a leitores que, apesar de terem “chiado” com o colunista, apresentam sugestões de bandas que ele deveria apontar como melhores daquele ano. Um trabalho colaborativo, demonstrando a eficiência da interatividade (“Muita gente chiou por causa da relação das bandas novas que vão fazer nosso 2001 mais feliz. Não pelos grupos em si. Mas é porque ‘faltou esse’ ou ‘aquele’. Claro que eu tinha deixado uma leva de fora. Não cabe tudo em uma coluna só. Então, toma mais”).

Por fim, Lúcio apresenta alguns resultados de promoções – todas baseadas em enquetes promovidas pelo colunista –, sem deixar de revelar as respostas dadas em email enviados pelos leitores. Um exemplo claro de como a opinião do leitor pode ajudar na elaboração de um texto. Se somássemos apenas o conteúdo gerado pelo próprio jornalista, a coluna de Lúcio Ribeiro teria em torno de 6 mil caracteres, ao contrário dos 15.125 de sua versão integral, colaborativa.

#### 4. CONCLUSÃO

No início dos anos 2000, todos queriam se jornalistas. A interatividade tornou a intervenção do leitor não apenas algo possível em relação aos textos dos críticos, mas também no sentido de que podiam criar e publicar sua própria resenha em blogs e páginas que criavam gratuitamente na *web*. Ficar calado poderia ser uma escolha, mas a liberdade gerada pela internet tornou a publicação de opiniões uma atividade tentadora. Na primeira metade da década de 2000, estima-se que tenham sido criados em torno de 4 milhões de blogs pelo mundo, de acordo com o estudo State of Blogosphere, de 2004.

Essas novas possibilidades geradas pela internet involuntariamente incentivavam as pessoas a participar da produção alheia – algo potencializado pelas redes sociais, em que indivíduos interferem constantemente na opinião dos demais.

Dessa forma, concluímos que a interatividade é uma consequência natural dos novos tempos virtuais e que, hoje, seria impossível observar o mundo do jornalismo *online* sem a participação dos internautas, possibilidade essa que também configura um novo formato de liberdade de expressão e de discordância.

Hoje, somos todos produtores de conteúdo. Interferimos na produção jornalística e temos, como retorno, o ganho do retorno imediato do jornalista, o poder de opinar junto a um profissional antes tido como detentor supremo de uma certa informação e, assim, a possibilidade de contribuir com o aprimoramento de seu trabalho. O jornalista, por sua vez, passa a ter uma infinidade de novas fontes de informação: seus leitores.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLLOS, Liliana Harb. **Crítica musical no jornal: uma reflexão sobre a cultura brasileira**. Opus: Revista da Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Música, dez. 2005. Disponível em:

<[http://www.anppom.com.br/opus/data/issues/archive/11/files/OPUS\\_11\\_Bollos.pdf](http://www.anppom.com.br/opus/data/issues/archive/11/files/OPUS_11_Bollos.pdf)>.

Acesso em 02 set. 2014.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2014.

HANKS, William F. **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2008

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MASSARI, Fabio. **Mundo Massari**. São Paulo: Edições Ideal, 2013.

PARSONS, Tony. **Disparos do front da cultura pop**. São Paulo: Editora Barracuda, 2005.

PRIMO, Alex. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. **Revista Farmecos**. nº 12, p. 81-92, jan. 2000.

SALIÉS, Tânia G.; SHEPHERD, Tania G. (orgs.). **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013.

SANDIG, Barbara. Text als prototypisches konzept. In: WIESER, Hans Peter; KOCH, Ingedore G. Villaça (orgs.). **Linguística textual: perspectivas alemãs**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

SILVA, Marco. Que é interatividade. **Boletim técnico do Senac**. Rio de Janeiro, v. 24, nº 2, , maio/ago. 1998.

WILSON, Ross. **Theodor Adorno**. Nova York: Taylor and Francis, 2007.

### **Portais**

<<http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=15455>>

<<http://www.revistapontocom.org.br/> 18.maio.2014>